

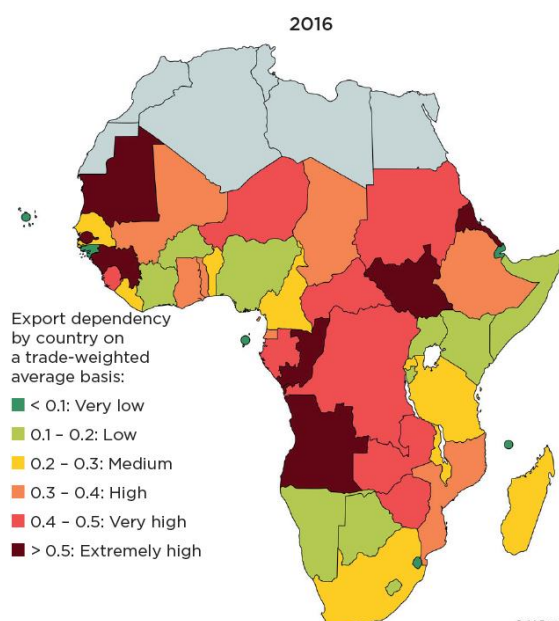
Lisboa, 28 de Dezembro 2017

## Os interesses da China na África Subariana: são necessários esforços para reequilibrar as relações bilaterais

**Uma dependência comercial arriscada para os sectores e países que exportam matérias primas.**

Quase 20 anos após a abertura do primeiro Fórum para a Cooperação entre a China e África, as relações entre China e África continuam desequilibradas. O comércio bilateral aumentou na última década, (um total de 123 mil milhões de dólares em 2016), impulsionado, até 2014, pelas exportações, que caíram cerca de 51% desde o seu nível máximo. Agora, a região tem um défice comercial com a China. Enquanto as exportações se concentram principalmente nos recursos naturais (representam 90% das exportações para a China), as importações são mais diversificadas e incluem produtos industriais, transporte e maquinaria (51% do total) à frente dos minerais e metais preciosos. Este desequilíbrio comercial reforça o risco da temida “doença holandesa” que, em economia, associa a queda do sector industrial local com o aumento da exploração das matérias primas.

A desaceleração da economia chinesa e a reorientação dos seus modelos de crescimento para o consumo privado, reflectem-se numa procura cada vez menor das matérias-primas procedentes de África. Isto terá consequências inevitáveis para os exportadores. De acordo com os cálculos efectuados pelos economistas da Coface, a África Subariana, em 2016, apresentava um coeficiente de dependência das exportações de 0,24 (numa escala de 0 a 1), significativamente mais elevado que outros países emergentes, como o sudeste asiático com 0,16 (um dos maiores sócios comerciais da China), e a Rússia, Brasil e Índia com 0,16. O diferencial é inclusive maior com a União Europeia (0,07) e os Estados Unidos da América (0,12).



Como era de esperar, os países que beneficiaram mais da expansão da China, e aqueles com uma economia menos diversificada, são os que provavelmente sentem de forma mais directa os efeitos de uma menor procura. A maior dependência comercial está concentrada principalmente em redor das exportações de petróleo e, de acordo com o índice estabelecido pela Coface, o Sul do Sudão ocupa o primeiro lugar do ranking, desde que declarou a sua independência em 2011, seguido por Angola e o Congo. A Gâmbia, que produz madeira, não fica muito atrás. A Eritreia, a Guiné e a Mauritânia encontram-se também entre os países

mais dependentes devido às suas exportações de minerais metálicos (ferro, cobre e alumínio).

### **Diversificação, o lema de uma relação sustentável de benefício mútuo**

Apesar desta forte dependência das exportações para a China, a relação entre a China e África poderia converter-se numa cooperação de benefício mútuo. As exportações africanas estão gradualmente a diversificar-se, incluindo matérias-primas processadas com valor acrescentado superior, madeira em bruto e, em menor dimensão, alguns produtos agrícolas (tabaco, cítricos, sementes e oleaginosas), que satisfazem as necessidades da classe média emergente da China. Inclusive, se esta mudança mantém a vulnerabilidade dos países produtores de matérias-primas à evolução dos preços internacionais, esta situação poderá aumentar as receitas locais, fomentar o emprego e as transferências de tecnologia.

A diversificação também está relacionada com os fluxos de investimento directo estrangeiro e os empréstimos procedentes da China. Os investimentos chineses em África já não são de natureza extractiva e actualmente já abrangem também os serviços, as indústrias de processamento, os transportes e os serviços públicos. As iniciativas existentes, como por exemplo a “*One Belt, One Road*”, em última instância, deveriam impulsionar a conectividade regional e reduziriam os custos de exportação. Não obstante, dado que os fluxos em investimento directo estrangeiro e financeiros são muito menores do que os fluxos comerciais, os países africanos estão altamente dependentes da China e continuam a ser muito vulneráveis ao enfraquecimento da procura ou a uma maior diminuição dos preços das matérias-primas. Para além disso, o risco dos governos africanos poderia aumentar a sua vulnerabilidade face às mudanças na política externa da China e à diversidade da procura, devido ao facto dos interesses da China na região se basearem, em primeiro lugar, numa rede complexa de objectivos políticos e económicos.

*“Os últimos acontecimentos parecem estar a avançar na direcção correcta, porém, são necessários esforços para passar de um casamento por conveniência desequilibrado para uma relação baseada no benefício mútuo”,* comenta Ruben Nizard, economista da Coface responsável pela África Subsariana e co-autor do estudo, *“China-África: até quando durará o casamento por conveniência?”*.

### **PARA MAIS INFORMAÇÕES:**

Cláudia MOUSINHO - 211 545 408 | [claudia.mousinho@coface.com](mailto:claudia.mousinho@coface.com)

#### **Sobre a Coface:**

A Coface, líder mundial em seguro de crédito, oferece a 50.000 empresas em todo o mundo soluções globais para protegê-las do risco de incumprimento financeiro dos seus clientes, tanto no Mercado doméstico como na exportação. O Grupo, que pretende ser a seguradora de crédito global mais ágil da indústria, está presente em 100 países, emprega 4.300 colaboradores e registou um volume de negócios consolidado de €1.411 mil milhões em 2016. A Coface publica trimestralmente as suas avaliações de risco país para 160 países, com base no seu conhecimento aprofundado do comportamento de pagamento das empresas e na experiência dos seus 660 analistas de risco e analistas de crédito, próximos quer dos clientes quer dos seus compradores.



P R E S S R E L E A S E

[www.coface.pt](http://www.coface.pt)

Coface SA. is listed on Euronext Paris – Compartment A  
ISIN: FR0010667147 / Ticker: COFA